Fundação Getulio Vargas **Tópico:** FGV Social

Veículo: Zero Hora - RS

Página: 13

Data: 29/07/2020 Editoria: NOTÍCIAS

+ ECONOMIA



MARTA SFREDO

marta.sfredo@zerohora.com.br

Com Camila Silva | camila.silva@zerohora.com.br

Troca do Bolsa Família pelo Renda Brasil embute riscos

Em junho, a população que vive abaixo da linha de extrema pobreza (R\$ 154 ao mês) no Brasil baixou de 4,2% para 3,3%. É o menor nível em 40 anos, conforme levantamento do pesquisador Daniel Duque, do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (Ibre-FGV). Claro, é efeito do auxílio emergencial, que termina em setembro.

E depois? O governo
Bolsonaro acena com a Renda
Brasil, que substituiria o
Bolsa Família como principal
programa social do país. Um
dos objetivos, declarados
publicamente, é mudar a
assinatura da ajuda, porque
a atual é muito associado
aos governos do PT.

 O Renda Brasil tem aspectos interessantes, mas o processo de discussão não tem sido muito positivo – avalia Marcelo Neri, diretor do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getulio Vargas (FGV Social).

Neri considera um "grande 30 a risco" trocar uma política anos que vem dando certo por uma estratégia ainda não bem delineada. Pondera que há oportunidade de aperfeiçoar o programa atual, que

pode até trocar de nome, mas deveria manter elementos básicos:

 O auxílio emergencial de certa forma mudou parâmetros do debate, e até por isso, essa mudança é um pouco delicada agora, em que a pressão está muito forte, com discussão emocional. Segundo Neri, há um complicador: neste ano há eleições municipais, e as prefeituras têm papel importante no Bolsa Família. Lembra que, nos últimos 30 anos, a pobreza cai em anos eleitorais e ajuda a

definir ciclos políticos:

 É bonito de ver a pobreza caindo.
 O auxílio emergencial inflaciona a discussão e gera novo parâmetro.
 Faz sentido não deixar ninguém para trás na

pandemia, mas precisamos lembrar o que aprendemos na crise de 2008: o aumento de gastos anticíclicos de forma permanente é receita para desastre futuro. E vejo não só maior demanda por gastos como menor preocupação com a qualidade desses gastos.